



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

NO LIMIAR DO 30.º ANO

«Vou fazer-vos um pedido; ou melhor sugerir-vos uma ideia:

Precisam de pôr no cabeçalho do «Famoso»: «OBRIGATÓRIO LER». Sabem porque? Porque há imensa gente de bem que compra «O Gaiato», são generosos, dão 1\$00 ou mais para ajudar uma Obra que é boa, recolhe crianças abandonadas, etc.

Ora, «O Gaiato» não é isso. «O Gaiato» faz-se para propagar a verdadeira Doutrina do Amor e amor ao próximo — é um portador do Evangelho. Foi assim que o concebeu Pai Américo. Não é um jornal noticioso disto ou daquilo...

Vocês sabem que é preciso fazer violência senão estas pessoas que vivem dormindo não acordarão jamais. Sim, porque isto de comprar «O Gaiato» para ajudar a Obra é ridículo, não é?»

Porque havia eu de fugir à norma deste número de aniversário, não dando aqui, Leitor, a palavra esclarecida e vivida doutro Leitor, que nem eu nem tu sabemos quem é?

Deus sabe!

E sabe também a confusão que em nós reina, ao pegarmos a eito nesses testemunhos que ia vão e ao compararmos o efeito do que sai de nós com o que nós somos: vulgaridade, chateza, pecado!

Nem chegam a pesar a nosso favor as vozes dissidentes, tão raras elas são! Mais nos enjoam algumas de louvor, que presumimos insinceras por virem de quem sabe que não comungamos os seus caminhos.

Mas esta ideia que nos sugerem, é profundamente acertada, fundamental e justa. É verdade! «O Gaiato» não é para ajudar a Obra (posto a ajude grandemente)! Nem a Obra é essencialmente para recolher crianças abandonadas ou doentes incuráveis; para ajudar os Pobres na consecução do seu lar ou em muitas outras e diversas necessidades (posto tudo isto faça e em tudo isto consiga, até, certo êxito humano), Obra e Jornal, Jornal e Obra — são duas expressões que se completam na «propagação da verdadeira Doutrina do Amor» que é todo o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. A Obra, sem o Jornal, faltar-lhe-ia a voz que leva longe e a muitos homens de boa-vontade — que são os que

Deus ama eficazmente, porque dEle aceitam o amor e o convite (em que se esforçam) a reflecti-lo — faltar-lhe-ia a voz que leva longe e a muitos, a Boa-Nova do Verbo Incarnado, também Ela incarnada na Humanidade concreta aqui e agora, sempre e em todos os lugares. «O Jornal

mais profundamente aos que já sabiam, a Boa-Nova de Cristo Jesus.

A Obra sem o Jornal ficaria emudecida ou de voz tão débil que só muito ao redor (se não houvesse aí — justamente aí — a cegueira-surdez dos que não sofrem santos de ao pé da porta!) apenas raros teriam olhos de ver e ouvidos de ouvir que o «Senhor está verdadeiramente no meio de nós»; e permanece, hoje, como ontem, como sempre, «passando a fazer o bem» àqueles que acreditam no Seu Nome, que provocam pela sua Fé e confiança nEle, prodígios em favor do Povo!

Mas também ao Jornal, sem a Obra, faltar-lhe-ia a autoridade que a vida dá sobre a ciência, o crédito que a consumação das Obras de Misericórdia ganha em relação «às boas-intenções de que está cheio o Inferno».

Porém, repito, Obra e Jornal são «portadores do Evangelho» que salva — cada qual à sua maneira; uma e outro penetrando aonde cada qual é capaz.

Por isso, o signatário da carta acha ridículo «isto de comprar «O Gaiato» para ajudar a Obra». Eu diria: profano — porque o Evangelho não se compra, nem se ajuda; recebe-se, «em espírito de humildade, com coração contrito». Mas, para receber, é preciso estar acordado, nem que pelo preço

Cont. na QUARTA página



FESTAS

Na verdade por muito que as Festas nos pesem, também muito tem de nos pesar um testemunho como este:

«Bençãos do Senhor para si e para a Obra.

Desde há muito tempo que admiro a maravilhosa e santa Obra que o bondoso Padre Américo fundou.

Assisti também a algumas das Festas com que, anualmente, os nossos briosos rapazes nos mimoseiam.

É pena que, nos últimos anos, não tenham vindo a Viseu.

Vejo-me forçado a deslocar-me, mesmo sacrificando a vida profissional e não obstante as dificuldades de transporte para sair de Viseu.

O ano transacto fui ao Porto e tive a graça de assistir aos dois espectáculos que no Coliseu é costume realizarem. Recordo com saudade essa maravilhosa Festa e foi com lágrimas nos olhos que vos aplaudia calorosa, vibrante e fraternalmente. Sois dignos dos nossos aplausos e da amizade que o País vos tem dispensado. A vossa presença viva, vem leni-

tivar a dor de tantos e servir de couraça para que outros prossigam na luta pela vida. Sois verdadeiros obreiros do amor e trazeis mensagem de paz, compreensão e ternura, semeando, por onde passais, um bálsamo extraído do exemplo que vos legou o Pai Américo, que, identificado com Cristo pelo Evangelho, se limitou sempre a cumprir a Sua Santa Doutrina.

É por isso que fazéis falta. Tenho conhecimento de inúmeras pessoas que lamentam não poderem assistir aos vos-

TRIBUNA DE COIMBRA

Ontem, domingo, chegou uma família e mandou-me chamar. A Senhora trazia na mão «O Gaiato». Disse-me — e pela apresentação era — ser uma família pobre. Trouxe consigo outra família amiga.

Contou que há anos tinha vindo a nossa Casa trazida por um dos nossos casados, que o Senhor já chamou. Desde então nunca mais deixou de ler «O Gaiato» — é o vosso mensageiro — e mostrou o jornal apertado nas mãos.

Fizeram festa e deram carinho a todos os vendedores da baixa de Coimbra. São todos conhecidos. Quiseram deliciar-se a ver toda a nossa vida:

Durante a semana tinham nascido duas ninhadas de porquinhos e na véspera uma das vacas tinha dado mais uma vitelinha. As galinhas cantavam com a postura nos ninhos e os pintainhos estavam regalados com o sol da tarde. Cada rapaz brincava a seu gosto, enquanto outros arrumavam a cozinha e louças do almoço.

«É tudo como «O Gaiato» diz». Entregaram sua oferta — grande para a modéstia dos oferentes — e partiram ainda mais amigos. Fiquei mais feliz e com mais amor ao nosso «O Gaiato». «Ele é o vosso mensageiro».

Padre Horácio

sos espectáculos e qual a alegria que sentiriam ao saber que, de novo, viríeis visitar-nos.

Estou certo que seríeis bem recebidos. Os viseusens de coração generoso e com os braços abertos franquear-vos-iam as suas portas para, amiga e cristãmente, vos receber.

Estou pronto a fazer alguma coisa e desde já me ofereço para vos ajudar no que achar des conveniente, desde a propaganda a qualquer problema para resolver que quiserdes entregar-me.

Para todos os rapazes um voto de felicidade, êxito na futura «tourné» e um futuro ri sonho.»

Bendito seja Deus por ur tamanho interesse, que a nós

Continua na QUARTA página

Colaboração

Em dia de festa é o Leitor que faz o Jornal — o nosso Jornal. Eis uma página viva, faiscante, com hossanas, propósitos, interrogações — e algumas vozes dissidentes.

São presenças tão ricas de conteúdo! Almas inquietas por si e pelos outros. Fachos de luz da Luz. Riquezas de vida. Da nossa vida. É «O Gaiato»!

Vamos dar as mãos. E ler. Não com os olhos do corpo — mas do espírito. Outra maneira de ler o «Famoso» seria, com certeza, profanar. Ele é um santuário d'almas — diria Pai Américo.

Inquietação Paternal

«Tenho um filho no nosso Ultramar a cumprir o seu dever militar.

Ele tem sede de notícias para melhor passar o tempo. Talvez elas sejam o seu conforto em certos momentos. É jovem, e com tantos outros, vive o ambiente presente que surgiu, nem nós sabemos como e que nós os pais por vezes sentimos e lamentamos, apesar dos nossos conselhos constantes.

Infelizmente muitos andam cegos e deixam-se ir, julgando que vão muito bem. Outros e quantos andam enganados procurando seguir certas modas e procedimentos, por vezes ridículos, que trazem bem patente o carimbo exterior, sem se aperceberem disso das suas consequências nefastas...

Meu filho, como muitos outros, necessita de muita ajuda e apoio moral. Assim, meu caro Amigo, vinha-lhe solicitar também o seu apoio, enviando-lhe uma arma muito forte, muito poderosa e certa e que certamente o encorajará. Essa arma eficaz, que o envio do Jornal «O Gaiato», não só lhe fará bem espiritualmente como bem a todos quantos o rodeiam.»

X X X

«É sempre com ansiedade e emoção que leio «O Gaiato» de ponta a ponta, por tanto nos transmitir de Amor e Caridade. Faça dele o meu guia de meditação e exame de consciência. Ele leva-nos a acompanhar com carinho a vida em terras de Moçambique.

Porque tenho um filho de 15 anos, procuro transmitir-lhe também o valor e função de «O Gaiato», para lhe inculcar o reconhecimento dessa grande lição de Amor.

Sempre que nos é possível, lá vamos até àquele cantinho isolado (o Infulene), mas onde nos sentimos cheios, para nos encontrar com o progresso que a pequena Aldeia nos oferece sempre, e que temos acompanhado desde o início.»

O «FAMOSO»

Tendes sempre um lugar certo no meu coração

«Lembrados Gaiatos:

É sempre com muita alegria que escrevo para vós, embora o faça poucas vezes; mas, tendes sempre um lugar certo no meu coração. Quando chega o nosso jornal parece que é uma visita vossa, que me vindes falar dos vossos projectos e preocupações. Eu, então, largo tudo para vos ouvir; sinto muita alegria quando vejo os vossos progressos; gosto muito de ler «Os retalhos da vida», que vindes fazendo, pois fico a conhecer-vos melhor.

Fico triste por não vos poder ajudar nas vossas dificuldades...»

Palavra de agradecimento

«Venho de novo trazer-vos uma palavra de agradecimento pelo que vós me tendes dado através de «O Gaiato» durante o ano que está a findar.

Sei que nada mais esperais que a consolação do dever cumprido, porém, seja-me permitido partilhar convosco a alegria de vos receber (tão certinho!) quinzenalmente. Não falhais, mas se porventura falhasses, acreditem, daria por ela, dada a ansiedade com que vos espero, mesmo a despeito da vida ser tão cheia e absorvente. Aguardo-vos como se fora um familiar que viesse a casa só de quinze em quinze dias.

Em contrapartida é com mágoa que reconheço que a minha correspondência pouco mais tem ido além de ser receptivo ao entusiasmo da vossa palavra. A existência de encargos familiares, a suportar apenas com o meu ordenado, não

explicam tudo. Há algo que ainda não consegui encontrar. Continuo a contar com a vossa ajuda amiga.»

Escrita em dia

«Quero começar o ano pondo a escrita em dia e eis-me a fazê-lo e vós, queridos amigos, sois os primeiros.

Sou a assinante número 14978 e venho por este meio pagar. Junto seguem 5 dólares e estes selos que não estão carimbados, podendo assim usá-los novamente.

Sem mais, esperando que o Ano Novo vos traga tudo quanto precisam, sou a vossa amiga que vos estima...»

Devoção heróica

«... Eu sou um dos muitos assinantes em atraso. Mas não é por me esquecer de pagar. Minha vida de modesto trabalhador com família, não tem permitido pagar como era o meu desejo. Muito obrigado por sempre me terdes mandado o vosso jornal, apesar de pouco ter pago. Se me for possível, com a ajuda de Deus, quero ver se para o futuro mando sempre alguma quantia que me seja possível no fim de cada ano para pagar a minha dívida.»

Estamos convosco

«Amigos:

Fui encontrar hoje o v/ postal datado de 1. 3. 72! Perdão pela negligência. Não é menor a nossa admiração, simpatia por vós, pela vossa Obra e pelo vosso santo Fundador. Que ele continue a velar por vós e nos proteja.

No correio de hoje segue um vale para pagamento da assinatura até aonde der. Mandai novo aviso quando entenderdes que se deve pagar novamente, segundo o v/ ficheiro. Estamos convosco.

Com muita simpatia, vosso em Cristo...»

Vozes dissidentes

«Venho em nome de minha irmã acusar a recepção do aviso de V. e solicitar que o jornal de V. não nos seja enviado de futuro por o conteúdo do mesmo não interessar a nenhum dos elementos da família.»

«Com este é já um segundo postal que escrevo, avisando que não me interessa receber o vosso jornal.

É favor não mandar mais jornais.»

Frémto de comunicação

«... Fazendo seguir esta quantia, farão aí dela o que melhor quiserem.

Chamo agora nesta despedida a minha própria coragem e dedicação porque a confiança na Obra da Rua não pode ter dúvidas. Coragem dá-me a leitura do Jornal que recebo, dedicação contagiosa vou buscá-la em vós.

Agora aclaro o meu frémto de comunicação, sabendo que continuarei a receber «O Gaiato», com o que vos desejo prosperidades encontradas na vossa luta de paz e amor.»

Valor tão profundo

«Junto a este vai um vale pelo vosso Jornal, o qual nunca julguei ter um valor tão profundo.

Que Deus vos ajude...»

Esprei, esperei...

«Não recebi o meu jornal «favorito» na 2.ª quinzena de Novembro, nem agora o desta 1.ª quinzena de Dezembro. Achei natural haver atraso por qualquer motivo (avaria numa máquina, por exemplo) e esperei, esperei.

Mas agora soube que não houve nada e que ambas as tiragens e distribuição, se fizeram em devido tempo. Fiquei desolada.

Isto nunca me aconteceu. Porque seria?

Haverá erro dos Correios? Como não me conformo com a falta da sua leitura, envio-vos 5\$00 em selos, para fazerdes o favor de mos mandar, o que desde já muito agradeço.»

Outra queixa

«Não posso deixar de me queixar dos «marotos» dos gaiatos, que me enviaram o último número do Jornal com a 1.ª e 4.ª folha em branco. Eu estou presentemente muito mal da vista, custando-me imenso ler, mas nunca deo de empregar todos os esforços

para ler todo «O Gaiato»! Que o mandem em branco àqueles que o não lêem... mas a mim não!

Desculpe o incómodo.»

Voz da Juventude

«Quero ser assinante de «O Gaiato» e mando X para esse efeito.

Com essa quantia quero pagar o jornal por um ano.

Eu li «O Gaiato» na casa da minha avó e interessou-me profundamente. Tenho pena de não poder mandar mais, por agora. Sou ainda pequena pois só tenho 10 anos.»

É pena não ser maior

«Aqui vai este vale...»

O assinante tem setenta e quatro anos, e quem escreve esta cartinha é sua irmã já com oitenta e três. Eu conheço a vossa Obra desde o seu princípio e o jornalzinho que era quase um folheto e hoje é o que se vê, é pena é não ser maior para eu me deliciar com a sua leitura.

Muitas felicidades e bom aproveitamento nos estudos e frutos de Caridade.»

Sempre ansiosa pela chegada de «O Gaiato»

«Principio por desejar-vos um feliz Ano Novo, com muita saúde, muita paz, muito amor e as melhores bênçãos de Deus.

Sou funcionária aposentada e recebi, como todos, o 13.º mês. Pois bem, quero repartir com os meus queridos gaiatos e lembrar-me deles como se lembraram de mim.

Por isso, aí vai essa migalha que eu bem desejava que pudesse ser maior. É dada do coração.

Amo e admiro a Obra da Rua que tantos e tantos benefícios está espalhando.

Um simples operário

«Caros amigos da Casa do Gaiato:

Os meus votos sinceros de que a vossa Obra progrida cada vez mais. Apresento as minhas desculpas por só agora enviar o pagamento do jornal de que sou vosso assinante, pois é um pouco de egoísmo não nos lembrarmos dos que por nós esperam. Espero que me desculpem. É por pouco tempo ter de vago — sou um simples operário e mesmo o tempo que me sobra emprego-o na minha casita.»

Rosário de contas que vou desfiando...

«Junto envio esta pequenina importância, para a assinatura do nosso querido «Famoso», que para mim é como um rosário de contas que eu vou desfiando de 15 a 15 dias.

Pena é não poder ser mais a miúdo.»

Foco luminoso a projectar luz sobre o mundo...

«Não sei bem como estão as minhas contas com o Jornal. Mas certamente devo estar bastante atrasado, pois a vida não me tem permitido marcar presença. Por estes dias devo enviar um vale e esperar poder enviar mais dentro de pouco tempo. O que peço é que não me suspendam a remessa de «O Gaiato» pois a sua leitura, toda ela baseada na pura doutrina do Evangelho, faz-me bem. «O Gaiato» é como que um foco luminoso a projectar luz sobre o mundo desvairado de hoje.»

Não posso passar sem o Jornal

«Cumprimento e venho pedir o favor de me inscrever como assinante do vosso jornal. Habitada sempre à leitura, e fami-

Em boa hora o bondoso Padre Américo concebeu a ideia da sua criação! Abençoado seja no Céu, assim como a sua Obra e todos os seus continuadores.

Estou sempre ansiosa pela chegada de «O Gaiato», jornal cuja leitura tanto bem faz ao meu espírito, tantas vezes atribulado pelos desgostos da vida, mas na sua leitura encontro paz e consolação.

Bendita a hora em que resolvi assiná-lo. Que pena existir ainda tanta gente que o não conhece! Como o mundo se tornaria melhor se todos o lessem. Fico rezando por vós, pela vossa Obra e pela divulgação do nosso querido «Famoso».

liarizada com essa grande família, que é hoje a Casa do Gaiato — Obra de Pai Américo — que conheci ainda no Seminário em Coimbra, não posso passar sem o vosso jornal, que é a prática do Evangelho.

Hoje encontro-me aqui, para onde vim transferida e é a primeira casa onde não se recebe o vosso jornal.»

Uma dona de casa

«Já há anos sou assinante do jornal «O Gaiato». Como dona de casa sei dar o valor, quando às vezes leio o vosso jornal. Primeiro: onde há tanto para onde ele ir. Depois, por contratempo, mandei uma carta a desistir da assinatura. Nunca deixei de receber o jornal. Em consciência não me acho devedora pelo motivo de me ter demitido de assinante; porém, o coração não concorda com a consciência, muito embora com sacrifício, pois tenho dois filhos gémeos na vida militar, mas Deus há-de ajudá-los, tenho confiança. Resolvi enviar o que equivale a 4 anos de assinatura.»

Retalhos suculentos

«Envio um vale para amortizar a minha constante dívida para com «O Gaiato».

OBRA DA RUA

Familiaridade

«Desculpe tratá-lo com esta familiaridade, pois sou uma desconhecida. Mas vocês, gaiatos, é que não são desconhecidos para mim, pois conheço-os a todos através da leitura do nosso «Famoso». Sei bem as vossas vidas, principalmente dos mais antigos, como é o seu caso.

Eu tenho quase todos os vossos livros, mas sempre que publiquei mais algum, faça o favor de mo enviar. Posso assim fazer uma bela oferta a uma amiga.

Desejando as maiores prosperidades para a nossa Obra, envie-lhe os melhores cumprimentos...»

«Envio... para liquidação dos dois livros em atraso.

Tudo o que diz respeito à vossa Obra tem interesse para todos nós, e por isso agradeço que mos tenham enviado.»

«Nesta data, envio a quantia... para pagamento da minha assinatura do «Famoso».

Faço-o com sentimento de viva gratidão. Com «O Gaiato» entra-me no lar a Vida vivida assim como a vossa Obra, que é o Evangelho feito acto.»

«Para a continuação da «Vossa batalha do bem» envio mais uma «BALA» para explodir em «AMOR» aos Vossos rapazinhos.

Agradecida pelo livro e jornal que recebi.»

«Irmãos: Junto envio... para pagamento do vosso e meu jornal. Com os meus agradecimentos...»

«Para a assinatura do vosso Jornal a que eu chamo o meu catecismo...»

«Não me falem com o jornal que a todos interessa e de que sou assinante há muitos anos. Que Deus vos abençoe.»

«Há quase um ano que fui operada à vista e ainda hoje me é muito difícil escrever ou ler.

Não queria deixar de receber «O Gaiato», mesmo que o não leia. Se Deus quiser ainda o hei-de ler.»

Disponibilidade

É sempre com grande ansiedade que espero o sábado, pois é nesse dia que um pequenito, a que eu já me habituei, vem vender o jornal. Creia que fico desgostosa quando passa algum e ele não vem. Foi o caso desta semana. Esperei em vão toda a manhã de sábado. Felizmente chegou hoje à tarde, e eu que me encontrava bastante abatida e triste com inúmeros problemas por resolver, fiquei de repente com uma alma nova. É que o nosso jornal toca no coração de quem o lê.

Como eu desejaria ajudar a vossa Obra! Ajudar não só materialmente mas com o meu próprio sacrifício.

Sou Mãe de 3 meninas, mas no meu coração há lugar para muitas mais. Vivo só para elas, e garanto se puder ajudar a criar-vos mais alguma, ela terá

lugar na minha casa e no meu coração. Será a irmã de minhas filhas.

Estou provisoriamente em Lourenço Marques e espero regressar a Lisboa no princípio do próximo ano. Nessa altura, se me permitir, irei visitar a vossa Casa e levarei uma pequenina lembrança para os nossos pequenitos. Como nessa altura ficarei com os fins de semana livres, prometo desde já ajudá-los no que puder. Irei até vós ajudar a coser a roupa, a fazer um bolo, a lavar a casa, tudo o que precisarem. Disponham de mim, porque quero ser uma Mãe para os pequenitos que por um ou outro motivo a não tiveram.

Desculpe-me este desabafo, mas faço-o motivada pelo grande amor por todas as Obras de Deus e consciência de que todos não seremos muitos para ajudar os mais necessitados.

Despede-se pedindo-vos a benção uma Mãe ao dispôr.»

Inquietação Sacerdotal

Gosto de marcar uma presença cristã

«Acabo de ler uns bocados do n.º 742 de «O Gaiato». Agradeço ao Senhor por ter semeado no coração dos homens a capacidade de ser bons e de poder ensinar isso aos outros homens.

Venho pedir-vos o favor de me enviar 2 exemplares de alguns dos vossos livros. Destino-os aos alunos da Escola Preparatória de Santa Joana Princesa, de O. do Bairro, onde dou umas aulas e gosto de marcar uma presença que desejo seja cristã.

O que envio é pouco demais. Queria satisfazer a minha assinatura de «O Gaiato», pagar alguma outra dívida a vós... e o resto é para ir pagando os livros que agora peço. Desejo a colecção completa, mas irei comprando à medida que for podendo. Mandem, pois, só os que puderem ficar pagos com o resto do dinheiro que agora envio.»

Fiquei «preso» e não posso dispensar a leitura de «O Gaiato»

«Desde os meus tempos de Seminarista que senti uma certa atracção pela Obra da Rua. Ainda estive 3 dias em Setúbal; enfim, entusiasmos da juventude.

De qualquer modo fiquei «preso» e por isso não posso dispensar a leitura de «O Gaiato», o «Incendiário», o «Famoso». Posso dizer que as leituras dos livros «Isto é a Casa do Gaiato» e «Porta Aberta», têm servido de oração da manhã e da noite, pois é a última coisa que faço.

Meu irmão que está no Brasil, esteve de férias aqui no verão passado. Lia de fio a pavio o jornal. Como tem um filho de 16 anos, achou que era útil esta leitura. Pediu-me para lho mandar.

Quando o dinheiro se acabar, peça, peça, porque nós temos obrigação de partilhar.»

dos Leitores

Aqui Lisboa

Neste número de aniversário, tradicionalmente à base da colaboração dos leitores, não ficará mal a transcrição duma carta subscrita por alguém que se intitula jovem.

«Somos um casal jovem que já algumas vezes tem contribuído com alguma ajuda para a vossa Obra. Conhecíamos a Obra através de «O Gaiato», mas só há alguns meses tivemos oportunidade de vos visitar, ver os rapazes que acolheis e a maneira como os tratais. Claro que numa tarde pouco se pode concluir, mas ficámos certos que com grandes ou pequenas deficiências a vossa Obra é um extraordinário testemunho do amor de Deus pelos homens, da doutrina de Cristo na Terra. Nas nossas actividades profissionais também procuramos (às vezes com dificuldade) proceder segundo a vontade de Deus, tratando as outras pessoas como irmãos, mas sentimo-nos peque-

nos perante a vossa entrega. Desejamo-vos um ano feliz.»

Acrescentaremos alguns comentários sucintos, que diríamos género telegráfico. Aparte «a vossa Obra» e a grandeza que se atribui à «vossa en-

trega», tudo certo. É que a Obra é de todos nós, incluindo o Jovem Casal, de Deus e dos obreiros de fora e de dentro. E «O Gaiato», na sua pequenez, é o elemento aglutinador que nos aproxima uns dos outros e nos leva a buscar um conhecimento mais íntimo, procurado na visita a nossas Casas. E sendo o arauto do «testemunho do amor de Deus» que é, sem dúvida, a Obra, não fica mal que nos regozijemos neste dia com a passagem de mais um ano de lutas e de canseiras deste paladino, na Terra, da doutrina de Cristo.

Padre Luiz

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

parece — e é — desproporcionado.

Não será ainda este ano, Irmão viseense, que aí nos poderemos encontrar. Duas dificuldades: A falta de sala onde actuar — razão pela qual deixámos de ir; e o programa já muito denso, onde dificilmente encaixaríamos mais esta deslocação tão longe.

Mas, se não puder ir ao Por-

to, ter-nos-á mais perto, em Oliveira de Azemeis ou em Lamego, onde esperamos a alegria de o abraçar.

x x x

E nesta próxima quinzena não esqueçam os Amigos de Amarante o dia 16. E, já agora os de Penafiel, o dia 20.

Em 17 será a Cadeia Central do Norte. Aí não haverá esquecidos.

AS NOSSAS EDIÇÕES

O livro «VIAGENS» em distribuição

Na hora em que escrevemos, metade dos assinantes da nossa Editorial estão servidos. Já se deliciam com o «Viagens». É o nosso presente de aniversário — no limiar do 30.º ano do «Famoso». Nas mãos do «Campanera» passam, agora, os assinantes da letra J.

A mesa de expedição da obra é ao lado da minha. Enquanto «Gágá» procede à colagem das capas — com o «bolinhas» no regaço — «Campanera» vai embalando livros nos sacos endereçados. Um quadro de vida! Este é a calma personificada. Aquele está na ordem do dia — por mor do gato, do «bolinhas», evidentemente. Ainda sofremos o impacto. São uns que sim, outros que não... sobre o lugar do bicho. Grande controvérsia! O certo é que o moço continua nas «sete quin-

tas». Não digo alheio às opiniões de quem está ou de quem vem... Os mais pequeninos já deram fé do caso, dos mimos do «Gágá!» Era vê-los ontem, domingo, aninhados ao sol, na esquina do balneário, à roda do «bolinhas»...

• RESPOSTAS AOS POSTAIS RSF

Começaram a chegar respostas aos postais RSF. Só nestes dois primeiros dias vieram cerca de cem! Não sabemos o que virá mais, que a procissão ainda não saiu do adro. Mas já por aqueles cem — como aperitivo — damos graças a Deus. As obras de Pai Américo precisam de correr mundo. Ser lidas, meditadas — e aplicadas. São fermento na massa. E que fermento!

Telefonou, há pouco, uma senhora. Uma senhora aflita e desejosa de receber todos os livros de Pai Américo. Mas não sabia como preencher o dito postal! Recomendámos, delicadamente, uma leitura calma, atenta. Soprou um ah! de verdadeira descoberta, qual ovo de Colombo! «Eu quero os livros todos, todos, todos» — frizava e tornava a frizar. Até os dois esgotados! Que não fôsse mais, que não respondesse mais ninguém — só pela ansia incontida desta leitora valeria a pena termo-nos lançando nesta promoção directa.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar aos nossos leitores que antes de colocarem o postal no marco do correio verifiquem se escreveram bem o nome e a morada, e se mar-

caram convenientemente o quadrado ou quadrados dos livros que desejam. Não se precipitem! Lelam tudo com atenção. Evitem sarilhos vossos — que também são nossos. Como aqueles quatro, entre os cem, que chegaram incompletos... — a quem não poderemos responder por falta de endereço. Foram expedidos de Olival, Espinho e Lisboa 2.

• MAIS UM EXCERTO DO «VIAGENS»

Queríamos dar à estampa hinos de acção de graças — dos leitores — por mais esta reedição; queríamos. Fica prá próxima. Hoje vamos transcrever, como rebuçado, mais um excerto do «Viagens» que anda a viajar. É da ida ao Brasil (1949):

«Vieram os dias cálidos da zona do Equador. Zé Eduardo a dizer mal da sua sorte. Não queria comer. Uma noite fugiu do beliche e deu-me trabalhos. Não se vê um barco. Não se vê terra. Não se topa um avião. Estamos em plena imensidade. Levamos uma data de emigrantes, gente da Madeira que sai da sua terra à procura de fortuna. Falam em quatrocentos deles, rapazes novos, mulheres e crianças. Não se esqueceram das violas, dos cavaquinhos, dos pandeiros, das castanhetas e dos cantares das aldeias. Se a geografia o não dissesse, quem quer, ao ouvi-los, diria imediatamente que estava ali Portugal. Eu nunca faltava às suas festas, de sabor tão semelhante às da minha terra. Aqui vai uma loa que ouvi e fixei:

*Eu já vi perder o jogo,
Com ás e setes na mão.
Não há letrado sem erro,
Não há linda sem senão.*

É a voz do povo; doutrina do povo; grandeza do povo. Tenho pena que estes homens não tenham de comer em suas terras e sejam obrigados a ir procurar noutras, enriquecendo-as, o pão que lhes falta. Bem pudera a riqueza que eles levam, ficar na terra onde nasceram, a bem dum Portugal mais forte e mais saudável...»

Ó beleza! Ó verdade! Ontem, como hoje...

Rogério

Júlio Mendes

NO LIMIAR DO 30.º ANO

Cont. da PRIMEIRA página

desta «violência»: «É OBRIGATÓRIO LER».

Inteiramente de acordo — quantas vezes o temos confessado! Este é o preço essencial de «O Gaiato» e da prestação de todos os nossos trabalhos — o único pelo qual vale a pena derramar a vida: Dar... e ser recebido.

Os nossos pequeninos vendedores bem o sabem e muitos assim procedem com toda a decisão: — não se aceita nada de quem não quer o Jornal; e restitui-se a quem o põe de lado. Mais fácil é dá-lo a quem tiver desejo dele e bolsa vazia, que o recheio do coração é incomparavelmente rico ao lado do maior tesouro da terra, sempre passível da traça que corrompe ou do ladrão que rouba.

Bendito Pai Américo que assim concebeu Obra e Jornal, fecundado pelo Espírito de Deus, prolífero pela sua fidelidade à Graça.

«Que ninguém jamais deturpe».

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



SETÚBAL

Eis-me com dois assuntos de capital importância adentro da vida duma Casa do Gaiato. Particularmente da Casa de Setúbal.

Torna-se urgente hoje — mais do que nunca! — tudo elucidar com minúcia, para tudo bem se entender. Há fórmulas muito práticas e muito cómodas de transformar o que é claro em confuso e obscuro. Fórmulas estas que tanto vêm sendo aplicadas nestes duros dias que acompanham o mundo actual!

Estes dois acontecimentos ocorridos há pouco em nossa Casa são, à superfície, bastante claros e, em profundidade, carecem de esclarecimento. Esmiucemos a questão.

Uma Casa do Gaiato é uma partícula dum todo, todo esse que é a Obra da Rua. Esta não existe sem aquela e vice-versa. Completam-se porque não existe um todo sem partes, nem a parte sem um todo! Sita em diferentes lugares e climas, a Obra rege-se sempre pelos mesmos princípios. Suas bases e fundamentos, tanto em Setúbal como em Lourenço Mar-

ques, são os mesmos. E assentam todos nesta verdade inabalável: — A primazia do Rapaz. O rapaz é a sua razão de ser... «Dele, por ele e para ele!» Nesta medida, o marco mais decisivo da vida da Obra da Rua é, precisamente, a definição do rapaz. Primeiro abrem-se-lhe os braços; depois dá-se-lhe formação, para assim ele poder formar os outros. Quando o rapaz se afirma mediante o uso das duas faculdades imprescindíveis — a liberdade e a responsabilidade — o feito é sempre de registar. É uma etapa importante na história da «família» e do próprio rapaz!

Estou aqui, pois, para falar desta liberdade, desta responsabilidade e da chefia, que é a consequência lógica daquelas duas atitudes. Ser chefe é hoje qualquer coisa cujo significado não se sabe bem! Ser chefe duma comunidade, duma família tão grande como a nossa, é um cargo tremendamente espinhoso, cansativo, de muitos sacrifícios e de granjeamento, inclusivé, de alguns inimigos que dantes eram «amigos».